

O EROS DE ARISTÓFANES NO BANQUETE DE PLATÃO

Ana Maria César POMPEU
Professora Adjunta
Universidade Federal do Ceará.

Resumo: Eros, o desejo apaixonado, representava algo mais que um apetite sexual para os gregos, segundo Platão, no Banquete. Era o desejo da imortalidade, que gera na presença da beleza. Os discursos do Banquete compõem uma gradação ao sentido de Eros, até sua mais alta concepção filosófica com Sócrates. O discurso de Aristófanes é a primeira mais forte evidência do verdadeiro valor de Eros para o gênero humano.

Palavra -chave: *Eros-sentido*

Eros fazia referência, convencionalmente, na Grécia antiga à apaixonada ânsia despertada em nós diante da beleza. Assim, não podemos traduzir *erôs* como 'amor', *lato sensu*, que corresponderia mais aproximadamente à *philia* (ou ao verbo *philein*), em grego. Platão, no *Banquete*, faz Sócrates relacionar, logo no início de seu discurso, *erôs* com *epithymia*, 'desejo'. Na ordinária concepção grega, da mesma forma que fome ou sede, o desejo que em nós desperta a beleza física, é uma ânsia que pode ser satisfeita (Halperin 1985: p. 165). Aristóteles diz que *erôs* é um sentimento e a *philia* é uma disposição de caráter (*êthos*), pois se pode sentir *erôs* mesmo pelas coisas inanimadas, mas *philia* envolve escolha, e a escolha procede de um *êthos* (EN1157b 228-34, *apud* Halperin *loc.cit.*).

Mas Platão mostra que o desejo erótico é diferente do desejo apetitivo. *Eros* é um desejo inesgotável, ele não se satisfaz com a posse do amado, mas antes se renova. É o desejo da imortalidade que gera na presença da beleza. Em Platão, há duas formas de ascensão espiritual: uma delas se direciona para

a verdade, através do conhecimento; a outra, para a beleza, através do amor (cf. Droz, 1997: 88).

No *Banquete*, Sócrates (Diotima) narra o mito da origem de Eros, nascido de Penia, 'Privação', e de Poros, 'Recurso', filho de Métis, durante a festa de nascimento de Afrodite (203c). Desse modo, Eros deseja o que não possui, a beleza; ora, desejando o belo, está privado dele. E já que sofre esta privação não pode ser um deus. Ele é então um intermediário (*metaxy*) entre mortal e imortal, sensível e inteligível (202 d), é um *daimon*, cuja função essencial é a de síntese (cf. Droz: 1997: 42).

Há uma gradação lenta, na exposição de Sócrates, para a ascensão à visão da beleza absoluta. O discurso de Aristófanes, "cuja ocupação é toda em torno de Dioniso e de Afrodite", nas palavras de Sócrates (177 d - e), faz a primeira evidente alusão a que o genuíno objeto de *erôs* não pertence à mesma ordem de realidade dos objetos dos desejos apetitivos (Halperin, 1996: 169). Os seres circulares do mito, que cometem impiedade e são castigados por Zeus, sendo cortados em duas metades, procuram a restituição da totalidade perdida, "é portanto ao desejo (*epithymiân*) e procura do todo que se dá o nome de amor (*erôs*)" (192 e- 193 a).

A comédia antiga, sendo ligada em suas origens a ritos de fecundidade, tinha o casamento como um dos seus componentes. Das onze peças de Aristófanes que nos chegou completas, cinco trazem uma estrutura erótica dominante, isto é, o sexo está diretamente relacionado ao tema da peça (cf. Thiery, 1986: 329-44). São, não sem propósito, as peças sobre paz (*Acaruenses*, *Paz e Lisístrata*) e sobre mulheres (*Lisístrata*, *Celebrantes das Tesmofórias e Assembléia de Mulheres*). *Lisístrata* é a mais erótica de todas, pois seus temas são sexo e paz, intimamente associados num jogo político sexual; as peças de paz têm dois momentos: o anterior ao sucesso da paz, caracterizado pela esterilidade nas referências a relações homossexuais, e o segundo momento de plena fertilidade, com a heterossexualidade. As peças femininas são naturalmente eróticas: *Lisístrata* trata apenas de casais legíti-

mos, que, separados pela guerra e pela greve, sentem *erós* reciprocamente; *Celebrantes das Tesmofórias*, apesar de trazer somente mulheres casadas celebrando a festa das deusas da fertilidade, Deméter e Core, é mais voltada à perversão no casamento, o adultério, ao efeminado Agatão e à tragédia hermafrodita de Eurípides; *Assembléia de Mulheres* é a completa negação da família, com leis contra a natureza, que obrigam o jovem a unir-se ao velho, antes de deitar-se com o seu par da mesma idade. As outras peças também trazem uma estrutura erótica, mas secundária.

Neste trabalho investigaremos especificamente a interrelação entre o *eros* do discurso de Aristófanes no *Banquete* de Platão e o *erós* nas peças do comediógrafo.

Eros Oikeios

No *Banquete*, o discurso de Aristófanes pode ser lido como o que mais se aproxima da teoria platônica de *erós*. O comediógrafo narra a parábola das criaturas circulares, ascendentes do homem, que, por sua impiedade, são castigadas por Zeus, sendo cortadas em duas metades, que se buscarão reciprocamente, morrendo de fome e inanição pela falta de sua metade. Zeus institui, então, o intercuro sexual, como um paliativo para o desejo humano de voltar a ser completo. E nesse intervalo de saciedade, tais seres puderam se reproduzir e trabalhar para a própria sobrevivência. Mas se Hefesto, o artífice divino, quisesse uni-los de novo para sempre, eles não hesitariam em aceitar.

Cada um procura a sua metade, sendo que o real objeto de desejo, sempre que nos sentimos atraídos por alguém, pode ser descrito por *oikeiotes*, 'familiaridade' (192c1). Mas, para Sócrates, Aristófanes falhou por não especificar *oikeiotés*, já que é somente o bem o que as pessoas desejam, "pois até os seus

¹ As citações do *Banquete* de Platão são todas traduzidas para o português por J. Cavalcante e Souza, Difel, 1966.

próprios pés e mãos querem os homens cortar, se lhes parece que o que é seu está ruim” (205d-206 a)¹.

Havia, segundo o mito, três gêneros diferentes de seres circulares: o masculino, filho do sol; o feminino, filho da terra; e o andrógino, filho da lua. Deste último ser é que provêm os homens que são amantes de mulheres (*philogynaiques*) e a maior parte dos adúlteros (*tôn moikbôn*); e as mulheres que são todas amantes de homens (*philandroi*) e as adúlteras (*moikheutriaí*) (191 d-e).

O mito diz que Eros é apenas um, contrariamente ao discurso de Pausânias, que diz da existência de dois Eros, já que são duas Afrodites, uma Urânia, mais antiga e engendrada apenas pelo Céu, uma divindade masculina, daí o amor por jovens; e uma Pandêmia, a popular, mais jovem, e que nasceu do amor entre Zeus e Maia, e responsável pelo amor dos homens vulgares que tanto amam jovens como mulheres. A comédia tem como traços essenciais a franqueza e a ausência de justificativas para o desejo sexual, enquanto que Pausânias quer regulamentar a pederastia (181 d 7; cf. 184c 7-d 1, 1 2-3). Aristófanes aceita que o amor heterossexual é popular, e assim, põe ênfase no grande número de adúlteros, ou infratores de leis, contrastando com a elite aristocrática de pederastas com seus jovens amados e de lésbicas (191d 6-192 a 7) (Cf. Ludwig, 1996: p. 553).

Com o pequeno detalhe de que a maior parte dos homens adúlteros vem dos andróginos, enquanto que dali vêm todas as mulheres adúlteras, Platão faz o comediógrafo ser coerente com suas peças. Aristófanes retrata as mulheres sempre como adúlteras, e.g., em *Celebrantes das Tesmofórias*, nas imprecações da mulher na assembléia para que os que transgridem as leis sejam punidos pelos deuses, estão incluídos: “ou o amante (*moikbos*) que engane uma mulher com falsas palavras e não dê o que promete; ou a velha que dê presentes ao amante (*moikbói*)” (como em *Pluto*, 959-79) (*Thesm.* 343-45). Alguns versos depois, no discurso da primeira mulher, que se queixa do

que Eurípides diz delas, lemos: “lá começa ele a chamar-nos levianas (*moikhotropous*), doidas por homem (*anderastrias*)...(392)

Na *Lisístrata*, a greve de sexo é restrita às mulheres casadas e, paradoxalmente, não se consideram outras possibilidades de satisfação sexual por parte dos homens, como: cortesãs, viúvas de guerra, escravas, rapazes e nem mesmo masturbação. Thiery (1986: 332-3) explica que o motivo para isso e para a própria greve é que a ação das mulheres dá-se, ao mesmo tempo, no plano familiar e cívico, sendo a cidade transformada em grupos de famílias que obedecem aos mesmos princípios.

Solomos (1972: 184) comentando esta peça, diz que pela separação e depois reunião dos dois coros, masculino e feminino, *Lisístrata* faz lembrar, de alguma maneira, os andróginos do discurso de Aristófanes. Pois esses coros enquanto separados se procuram o tempo todo e se reúnem enfim formando um conjunto dançante hermafrodita. É que alguns anos apenas separaram *Lisístrata* (411a.C.) da época presumida (416 a.C.) do Banquete de Agatão (personagem de *Celebrantes das Tesmofórias*, também de 411 a.C.) e de *Aves* (414 a.C.) e sua parábola cosmogônica, que torna as aves imortais descendentes de Eros, criando uma nova teogonia. O que nos faz recordar as asas das almas no *Fedro* (246 d-e), que se elevam por Eros.

Nos versos 115-6 de *Lisístrata*, a personagem Mirrina, que tem o nome que faz lembrar o órgão feminino, diz, quando interrogada por Lisístrata sobre sua disposição para se sacrificar pela paz: “E eu aceitaria, mesmo que como um linguado, acho/que daria a metade de mim, tendo sido cortada”. Vemos no discurso de Aristófanes, no *Banquete* de Platão: “Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque *cortados como linguados de um só em dois*; e procura então cada um o seu próprio complemento” (191d) (o itálico é nosso).

A semelhança é mais digna de nota, quando se examina de perto o papel de Mirrina na peça. Ora, ela, como representan-

te do sexo feminino, irá demonstrar como a greve se dava entre as mulheres. A cena que apresenta Cinésias, nome que faz lembrar o órgão masculino, sofrendo convulsões pela falta de sua esposa, Mirrina, é bem uma prova de que o amor, nesta peça, vai além do simples desejo ou apetite (*epithymia*). Antes de tudo, as mulheres se confiam nos deuses, pois fizeram um sacrifício-juramento: **Li**. Senhora Persuasão (*Peithoî*) e taça da amizade, /a vítima recebe favorável às mulheres.(203-4). Henderson (1987: 94), comentando o verso, explica que Lisístrata ao invocar Persuasão não tem em mente o argumento verbal, mas o poder de convencimento da greve. Peitho é relacionada à deusa Afrodite dos primeiros tempos, e os atenienses tinham um santuário de Peitho e Afrodite Pândemos na Acrópole. Era atribuída à Afrodite a competência do ato sexual, *ta aphrodisia* (verbo *aphrodisiazein*), enquanto que o desejo sexual, *epithymia* e *epithymein* e palavras comuns para desejo de modo geral, eram próprios de Eros. Dover (1991:2) observa que, como é comum se desejar o alívio de uma tensão sexual, sem muita preocupação para a identidade do parceiro, enquanto que o ato sexual em si pode gerar um grande desejo por um parceiro particular, a literatura grega não definiu precisamente o papel dos dois deuses.

Cinésias, ao encontrar Mirrina, para que ela desça da Acrópole e venha ter com ele, apela para o filho do casal, que, segundo ele, estava sem leite e banho já há alguns dias, depois apela para as coisas de ambos que ela deixava estragar, os teares que estavam sendo levados pelas galinhas, e os ritos sagrados de Afrodite (*ta tês Aphroditês hier*) não celebrados por ela há tanto tempo (878-99) . E suplica à esposa: **Ci**. Pelo menos deita-te comigo por um tempo (904).

Em *Lisístrata*, as mulheres sabem que os homens podem forçá-las ao sexo, mas também sabem que assim não haverá prazer para eles. Podemos observar que Cinésias, ao se queixar para Lisístrata da falta de sua mulher, demonstra sofrer com

isso porque está em ereção. Mas também vemos que os prazeres apetitivos estão, de algum modo, abaixo do erótico:

Ci. Porque não encontro nenhum prazer (*keharin*)
na vida,
Desde o dia em que ela saiu de casa,
Mas entrando lá sofro, e deserto
Tudo me parece ser, nos alimentos
Nenhum prazer (*keharin*) tenho ao comê-los; pois
estou com tesão. (865-9)

Na verdade, Cinésias afirma que nada tem encanto, devido à falta de sua esposa. Podemos recordar ainda o estado em que os seres míticos do discurso de Aristófanes, no *Banquete*, ficaram, após terem sido separados em duas metades:

Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava (*pothoun*) cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor (*epithymountes*) de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. (*Banquete* 191a-b)

A forma *pothoun*, do verbo *pothein*, que significa 'desejar uma coisa ausente ou distante', é usada na *Lisístrata*, quando a líder das mulheres tenta acalmar as companheiras, que, paradoxalmente, sentem, antes mesmo dos homens, os efeitos da abstinência sexual: Li Desejais (*potheit'*) vossos maridos talvez; mas tu não crês que eles vos/ desejam (*pothein*)? Difíceis noites eu sei bem que/ eles passam (763-5). Em *Aves*, ao compor uma nova teogonia, o coro chama Eros de *ho potheinos*, 'o desejado'.

Numa relação conjugal ou de alguma duração o que predomina não é *erôs* mas *philia*. Halperin (1985, p.162) tenta mostrar a relação de *erôs* para *philia* num casamento, através da referência mitológica de Fedro no *Banquete* (179b-c), ao exaltar o

auto-sacrifício de Alceste pelo esposo, Admeto. Ela tendo *philia* pelo esposo, assim como os pais deste; no entanto, por seu *erôs* por ele, ultrapassou os sogros em *philia*, pois somente ela deu a vida por Admeto, enquanto seus pais, embora já velhos, negaram-se.

***Eros* político**

No *Banquete*, Aristófanes louva o amor entre homens, dizendo que é o melhor, pois somente nessa classe encontram-se os políticos, e eles são os mais viris, pois os seres masculinos em sua natureza são puros, sem mistura com o feminino, como os andróginos. Ele faz esta afirmativa pela relação que o desejo entre homens tem com a política. Tal argumento retoma o que foi dito antes por Fedro e Pausânias, no diálogo. Fedro havia afirmado que, na possibilidade de haver um batalhão composto só de pares de amantes, sua cidade teria o melhor governo, pois todos seriam bravos, já que incapazes de um ato de covardia (*anandria*) diante do amado (178d 4-179 a 2). Pausânias argumenta que os tiranos bárbaros não legalizam a pederastia por temerem estimular revoluções entre os seus subjugados, e cita o exemplo de Harmódio e seu amante Aristogíton, que dissolveram a tirania dos Pístrátidas em Atenas, abrindo caminho para a democracia (182b 6-c7).

Pausânias ressalta o caráter educativo da relação erótica entre homens. O amante (*erastes*) que é mais velho pode iniciar seu amado (*eromenos*) mais jovem no mundo da virilidade, da virtude básica até os mais altos ideais. É a ausência de reciprocidade de desejo erótico na pederastia que estimula o homem à educação e à política.

Ludwig (1996: 539) esclarece que a afirmação de que devia ser educativa essa relação entre homens é uma confirmação da premissa que jovens adolescentes não podiam normalmente estar ligados por desejo erótico aos homens mais velhos

que deles se aproximavam. Pausânias inconscientemente diz, em seu discurso, que Aristogíton tinha *erôs* por Harmódio, mas este *philia* por Aristogíton (182c5-7). O amado ideal de Fedro seria mais estimado pelos deuses por ter carinho (*agapâi*) pelo amante -que é um ser mais divino-, mesmo não sentindo *erôs* por ele (180b 1-3).

Embora não aprove o amor sem nobreza, Pausânias nos informa que alguns jovens atenienses podiam ser comprados com favores políticos e, às vezes até tinham poder político conferido a eles próprios por seus poderosos amantes (184 a 7-b 3; cf. 183 a 2-b 2). O coro de pássaros, em *Aves*, querendo provar que descende de Eros, afirma:

Voamos e junto com os amantes convivemos.
Muitos rapazes belos se recusavam, mas no fim
da juventude,
Graças ao nosso poder, os homens que os ama-
vam abriram-lhes as pernas (*diemêrisan*)
Em troca de uma codorna, um porfirião, um gan-
so, uma ave persa (704-7).

Aristófanes, no final de seu discurso, aponta para a presença da sátira em suas palavras, exatamente no que respeita à excelência dos homossexuais, ao pedir ao médico Erixímaco para não fazer comédia de seu discurso (*komôidôn ton logon*) (193 b-c), por relacioná-lo a Agatão e Pausânias, isto é, tomá-los como exemplo do par de verdadeiros homens. Quando o bem-amado de Pausânias, Agatão, não demonstra nenhuma virilidade. Em *Celebrantes das Tesmofórias*, Agatão é retratado como um efeminado.

Desse modo, a transitoriedade e a ausência de reciprocidade entre amante e amado, relacionados no discurso de Aristófanes como *paideraistes* (amantes de jovens) e *phileraites* 'amigos de amantes' (192 b), contraria o seu mito, quando ele afirma que cada um ama o seu semelhante (*to homoion*) (192 a 6), o seu aparentado (*to xyggenes*) (192 b5). A passividade masculina, nas comédias, é vista como hábito imundo, e são os polí-

ticos o seu alvo principal: em *Cavaleiros* (423-8) o salsicheiro narra que, quando jovem, depois de roubar carne e escondê-la nas nádegas (*kokhóna*), um homem (*anêr*) entre os oradores que o viu fazer isto exclamou: “é inevitável que este jovem (*país*) terá de governar o povo” e o coro declara que ele só fez essa previsão porque o salsicheiro perjurou e suas nádegas (*próktos*) portavam carne. Em 1240-2, o Paflagônio, em um interrogatório que serve como reconhecimento de que o seu rival era aquele de quem o oráculo falava, pergunta ao salsicheiro: “e que ofício tu exercias ao tornar-te homem (*exandroumenos*)?” “Eu vendia salsichas e também me fazia um pouco de delicado (*bineskomên*).” Então o oráculo estava confirmado, ele era o eleito. Referindo-se à passividade sexual, após o período da juventude, e à prostituição masculina.

Dover (1991: p. 4) afirma que a sociedade simpatizava com o amante persistente mas não tolerava um amado que se deixasse seduzir deliberadamente. Em *Aves*, podemos observar a mesma sátira aos políticos na cidade ideal de Pisetero, que é o político por natureza: seria aquela onde o pai de um jovem rapaz o censurasse (a Pisetero) por não cortejar o seu filho (vv.137-42).

Em *Nuvens*, no *agón* entre os dois argumentos, ao descrever os prazeres dos quais o jovem Fidípides ficaria privado caso escolhesse a temperança, o Discurso Injusto diz: “Considera, então, jovem homem, o que a temperança implica e de quantos prazeres (*bêdonôn*) tu vais ser privado: de rapazes (*paidôn*), mulheres (*gynaikôn*), jogos, comidas, bebidas e gargalhadas” (1071-3). Notemos bem que, em seu argumento, rapazes e mulheres não se excluem. E ele continua falando das necessidades naturais (*phuseôs anagkas*), e, imagina uma situação, em que o rapaz estivesse apaixonado (*êrasthês*) e cometesse um adultério (*emoikheusas*), no qual fosse surpreendido pelo marido da sua amada, afirma que o jovem estaria perdido se não soubesse falar. Mas com o Discurso Injusto, ele ficaria livre e poria a culpa em Zeus, que, mesmo sendo um deus, é vencido (*betton*) por amor (*erotos*) e por mulheres, como um simples mortal poderia

ser mais forte que um deus? Mas o Discurso Justo rebate perguntado que argumento ele teria tendo sido submetido ao castigo dos adúlteros, ter um rábano metido nas nádegas, depiladas com cinza quente, para negar que era um *euryproktos*. Aristófanes faz um jogo com o significado concreto do termo 'ânus largo' e o uso ordinário para representar homens de hábitos imundos. Lembremos as palavras de Pausânias, em que o Amor de Afrodite Pandêmia, o dos homens vulgares, é o amar não menos as mulheres que os jovens (*Banq.*181 a-b). Parece que tanto homens maduros tinham relações com mulheres e rapazes, quanto rapazes tinham com homens e mulheres.

Conclusão

Para Aristófanes, no *Banquete*, não é a honra ou a educação que ligam pederastia à política, mas, o trabalho e a vida. Pois, recordando esta parte do discurso, após serem cortados ao meio, os seres circulares procuravam desesperadamente se unir novamente a sua metade. E acabavam morrendo de fome e inatividade. Mas com a criação do ato sexual, por Zeus, eles puderam se saciar por algum tempo, e, no intervalo da união, podiam trabalhar e viver. No mito, porém, o abraço heterossexual gera filhos, enquanto que o homossexual gera saciedade temporária, que impulsiona ao trabalho e assim à sobrevivência; no discurso de Sócrates-Diotima reaparece a idéia dos grávidos do corpo e os da alma. Ludwig (1996: 542-3) questiona se a relação heterossexual não gera a mesma saciedade, que impulsiona ao trabalho. O mito não esclarece, mas a sua interpretação é que o trabalho dos heterossexuais é mais voltado ao bem-estar econômico dos filhos, enquanto que os homossexuais são livres para o trabalho. Os homossexuais, por natureza, não podiam ter idades diferentes, pois eles são duas metades de um só ser. E os debochados saíam dos andróginos, pois embora eles não existissem mais, o termo ainda era usado como opróbrio. (Cf. Ludwig, 1996: 555-6) A relação que preenche os requisitos de duração e reciprocidade, para Aristófanes, parece, ser, então, a do homem com

a mulher, a única capaz de gerar filhos, preservando a espécie humana.

Mas Sócrates eleva *eros* ao nível mais alto, o filosófico. Nós não desejamos, por si, o nosso amado, que fornece o meio da beleza na qual nós geramos, mas desejamos realmente a imortalidade (206d 7-207 a 4.Cf. 206 a 3-13; e 204d 2-205d 9). A beleza do amado libera sementes ou palavras que asseguram a imortalidade para o amante, em filhos ou fama, respectivamente (cf. Ludwig, 1996: p.546-7).

Dessa forma, Platão usa Aristófanes como humorista para tornar claro o caminho para Sócrates, pois, como nas comédias, ele combina freqüentemente o ridículo com o materialismo para a reductiva função de retornar das distorções da vida política para a natureza (cf. Ludwig, 1996: p.548).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓFANES. (1993) *As aves*. Tradução de Adriane da Silva Duarte In: DUARTE, A.S. *Palavras aladas: As aves de Aristófanes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: DLCV/USP.
- _____. (1998). *Lisístrata*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Cone Sul.
- DOVER, K. (1991) ed. Plato. *Symposium*. Cambridge: Cambridge University Press. (first published 1980).
- DROZ, G. (1997) *Os mitos platônicos*. Tradução de Maria Auxiliadora Ribeiro Keneipp. Brasília: UNB. (1ª ed. 1992).
- HALPERIN, D. M. (1985). *Platonic erôs and what men call love*. *Ancient Philosophy* vol. V, n. 2 Fall, 161-204..
- LUDWIG, P. W. (1996) *Politics and eros in Aristophanes' speech: Symposium 191 e-192 a and the comedies*. *American Journal of Philology* 117 , p. 537-562.
- PLATÃO. (1966). *Banquete*. Tradução, introdução e notas de J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Difel.
- THIERCY, P. (1986). *Aristophane: fiction et dramaturgie*. Paris: "Les Belles Lettres".